

Manifestações literárias do sagrado, de Eduardo Gross (org.)

(Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2002, 148 p.)

A investigação das relações entre religião e literatura está na ordem do dia, tanto no âmbito dos estudos literários, quanto no da teologia ou das ciências da religião. O que mais chama a atenção nesse novo e promissor campo de pesquisa é a multiplicidade de perspectivas assumidas pelos estudiosos que nele se engajam, a variedade de fundamentações teóricas a que recorrem e as distintas opções metodológicas trilhadas. Uma boa amostra dessa pluralidade de caminhos, que, se por um lado deve ser saudada, por outro, não pode deixar de ser vista como um sintoma do estágio ainda embrionário do processo de configuração e delimitação dessa nova área acadêmica, é o livro *Manifestações literárias do sagrado*, organizado pelo Prof. Dr. Eduardo Gross.

Resultado de um colóquio realizado em agosto de 2000, na Universidade Federal de Juiz de Fora, cujo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião está se consolidando como um dos principais centros brasileiros de pesquisa e ensino da interface religião/literatura, a obra em apreço traz uma contribuição não apenas válida, mas bastante significativa para todos aqueles que se interessam por essa questão. Com apresentação gráfica primorosa, *Manifestações literárias do sagrado* constitui um marco importante na bibliografia especializada, quer pela riqueza e diversidade das perspectivas explora-

das, quer pelas questões que essa mesma variedade suscita do ponto de vista teórico-metodológico.

O livro compõe-se de sete ensaios, além de uma importante introdução assinada pelo organizador da coletânea. Desse conjunto, dois textos são análises de obras literárias específicas: o conto *A gente boa da roça*, de Flannery O'Connor; e *Germinal*, de Émile Zola. Outros dois são reflexões sobre a linguagem poética e o sagrado, suscitadas por Jaci Maraschin ("O traço e o poema") e Suzi Frankl Sperber ("Sagrado, poesia e efabulação"). Além disso, outros estudos propõe-se investigar o papel da poesia na mística sufi; as ressonâncias bíblicas nas histórias em quadrinhos contemporâneas; e, por fim, o Evangelho de Marcos.

O primeiro trabalho, de autoria do professor norte-americano Mark McVann, do St. Mary's College, na Califórnia, é uma interessante leitura de uma das mais conhecidas narrativas de sua compatriota Flannery O'Connor, *A gente boa da roça*. Mark McVann procede a uma competente *close reading* do conto e, ao final, sugere que o momento em que a personagem central, Felícia Hulga, é ludibriada e espoliada pelo oportunista Manley Pointer pode ser visto paradoxalmente como um momento de graça e de oferta de vida nova, ao preço de "morrer para o que é velho a fim de aceitar o que é novo". Ou, nos termos da mensagem evangélica que o autor incorpora ao título de seu texto, "aquele que perde a sua vida a salvará".

Como se percebe nessas breves indicações, o ensaio de Marc McVann constrói-se como uma hermenêutica cristã do conto em estudo. O método seguido comporta dois momentos: uma análise minuciosa do texto e, em seguida, uma interpretação da problemática humana enfocada pela narrativa à luz da fé cristã. Em outras palavras, o que o autor faz é propor uma leitura teológica (cristã) de um texto literário. Esse método é potencialmente muito fecundo, na medida em que nenhuma problemática humana é irrelevante ou neutra para a mensagem evangélica, apontando para o fato de que sempre será possível propor uma leitura teológica de não importa que texto literário. Destarte, poder-se-ia afirmar com rigor que qual-

quer obra literária é passível de uma leitura teológica, o que, em princípio, garantiria a pertinência e rentabilidade desse tipo de estudo, magnificamente ilustrado pelo Prof. McVann.

Já o brilhante ensaio de Luís Henrique Dreher, intitulado “Naturalismo e religião: o *Germinal*, de Émile Zola”, segue um caminho diverso. Trata-se de uma inteligente análise do substrato mítico-religioso da imagética empregada na construção da monumental obra naturalista. Ao perquirir, com grande acuidade crítica, a presença no romance de estratos de linguagem comprometidos com uma visão mítico-religiosa, nomeadamente através do recurso aos conceitos kierkegaardianos de temor e terror, Dreher põe à luz “o mistério puro, e não-sacramental, de uma força e de um deus impessoais”, constelado na mina que a todos devora. Nesse sentido, a análise de *Germinal* que se propõe é uma lúcida reflexão acerca da permanência de estruturas religiosas – por vezes, arcaicas – no cerne mesmo da cultura moderna, não obstante toda a sua pretensa secularização ou cientificidade. De fato, esse mundo, com muita freqüência, assume traços que fazem lembrar o Leviatã bíblico, conforme o autor sublinha ao final de seu texto.

O método empregado – diga-se de passagem, com maestria – por Dreher consiste em levantar e analisar os campos semânticos privilegiados pela obra em sua tessitura simbólica, para, em seguida, recuperar as experiências que se ocultam sob o deslocamento metafórico. Esse procedimento, que muito deve à psicanálise e à antropologia do imaginário, permite resgatar núcleos de significado muitas vezes bastante coesos e coerentes, mas que se apresentam disfarçados como “meras metáforas” ou “recursos retóricos”, de que o texto se valeria, supostamente, sem maiores conseqüências. No caso vertente, permite ver com clareza como, sob a superfície textual da modernidade secularizada, vagam blocos desagregados das antigas mundividências religiosas com maior freqüência e consistência do que habitualmente se crê.

Os estudos de Jaci Maraschin (“O traço e o poema”) e de Suzi Frankl Sperber (“Sagrado, poesia e efabulação”) movem-se num campo completamente diferente, que poderíamos caracterizar como uma certa filosofia da linguagem e da literatura, na qual as noções de sagrado, religião e mito ocu-

pariam um lugar de destaque. Esse tipo de aproximação à problemática que nos ocupa baseia-se, amiúde, na inegável importância que a palavra - e até a escrita - tem na tradição judaico-cristã e que freqüentemente se reveste de grande beleza plástica, fazendo-se mesmo poesia, como no primeiro dos textos citados. Ou então, caminha mais na direção da psicanálise, da psicologia ou da antropologia, como no segundo. Mas permanece fundamentalmente uma reflexão de ordem filosófica. Nesse tipo de trabalho, o grande desafio teórico-metodológico parece ser o de encontrar as devidas mediações para que as reflexões apresentadas possam fundamentar algum tipo consistente de crítica literária. Caso contrário, corre-se o risco de se permanecer no campo do vago e do arbitrário que, conforme alerta Jean-Pierre Jossua, continuamente espreita as aproximações entre a literatura e a religião.

O estudo de Vitória Peres de Oliveira (“A mística sufi e a poesia”) é uma bem documentada exposição do sufismo e do papel que nele desempenha a linguagem poética, compreendida como tentativa de se dizer o que, por definição, é inefável. Nesse sentido, o texto de Peres de Oliveira permite estabelecer um interessante diálogo com o trabalho de Jaci Maraschin acima referido.

O ensaio de Geysa Silva estuda a “Presença da Bíblia nas histórias em quadrinhos finisseculares”. Depois de uma rápida exposição da problemática da crise de sentido no mundo contemporâneo, a autora aborda a recorrência de temas bíblicos, sobretudo do Gênesis e do Apocalipse, nos quadrinhos atuais. Sua afirmação central constata que:

Entre o fim da História e a morte de Deus, os quadrinhos da época neoliberal e da globalização apontam para o egoísmo, a indiferença política e consagram a violência em todos os seus níveis. (P. 52.)

O volume se encerra com um segundo estudo de Mark McVann, desta vez sobre o Evangelho de Marcos. Sob o título de “O batismo e os milagres no Evangelho de Marcos como rituais de transformação de status”, o autor se propõe a uma interpretação global do Segundo Evangelho como catequese

batismal e, a partir da antropologia da cultura, procura interpretar o batismo como ritual de transformação de status. Nesse caso, estamos diante de um tipo de estudo completamente diferente dos anteriores. Aqui trata-se de uma análise literária - de resto, muito convincente, não fosse seu autor um grande especialista nos estudos sobre Marcos - aplicada a um texto canônico do cristianismo. Nesse sentido, somente em termos muito amplos poderia ser considerado um estudo sobre a relação entre religião e literatura.

Uma das grandes dificuldades de se delimitar um novo campo de estudo está precisamente em se recortar com clareza o seu objeto. No nosso caso, literatura e religião, literatura e sagrado, literatura e teologia, literatura e cristianismo ou literatura e espiritualidade, por exemplo, são temáticas não apenas distintas, mas, muitas vezes, irredutíveis entre si. A opção por uma delas leva a caminhos críticos específicos, o que acarreta, entre outras coisas, a necessidade de discernir os fundamentos teórico-metodológicos mais rentáveis e adequados a cada caso. Por isso mesmo, cabe enfatizar a precisão do título do volume organizado por Eduardo Gross: *Manifestações literárias do sagrado*. Sob essa formulação, não há dúvida de que todos os ensaios reunidos são muito pertinentes. Enfim, diante da diversidade e qualidade dos trabalhos apresentados, só cabe cumprimentar o Prof. Eduardo Gross e a Editora UFJF pela feliz iniciativa dessa bem cuidada publicação.

José Carlos Barcellos
Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal Fluminense